

A biblioteca do burocrata (*)

(+) Ricardo CARVALHO CALERO
Universidade de Santiago

É avondo deprimente ouvir este home citar Castelao, *Sempre en Galícia*, e Pondal, *nación de Breogán*. Nom porque careça de apoio legal para escolher as formas que escolhe, idênticas às castelhanas. O Decreto da Junta autonómica de 1982 sem dúvida o autoriza, e mesmo pode opinar este home que o galego deve aproximar-se ao castelhano até confundir-se com el, como Castelao pensava com relaçon ao português. Mas o certo é que Castelao intitolou o seu livro *Sempre en Galiza* e Pondal escreveu no seu hino *nazón de Breogán*. Pode ser que Castelao e Pondal nom soubessem o que escreviam, segundo informaçon que o nosso home receberia de um compentente funcionário. Mas ainda assim, parece algo duro que o que bem ou mal escrevérom esses dous petrúcios seja modificado nos seus próprios textos.

Há pessoas que preferem dizer sempre *Galícia* e *nación* para nom semelhar dissidentes dos jeitos oficiais. Mas o escrito, escrito está; o passado é história. Imos tendo cada vez mais textos dos nossos autores anteriores ao indicado Decreto emendados polos executores da normativa burocrática, que aqueles escritores nom conhecérom. Há um espírito de reparaçon de erros históricos e de actualizaçon de arcaísmos e veleidades desordenadas, que mais próprio parece de 1984 que de 1990. Assim, estimamo-lo antiquado, pola sua fobia administrativa à pluralidade criativa, agora que os grandes unificadores e unanimizadores caírom em desgraça, e as estátuas dos mantedores da disciplina mais rígida e inflexível cambaleiam-se sobre os seus socos, se nom som derrubadas polos mesmos que as esculpírom.

(*) O passado 25 de Março de 1990 falecia em Compostela o autor, mas até o derradeiro momento mantivo umha extraordinária lucidez, que lhe permitia continuar lendo e escrevendo por e para Galiza. Este texto, póstumo, cedido generosamente pola Professora M.^a Inácia Ramos, estava destinado a ser publicado num diário galego. O Conselho de Redaçom considera umha honra publicá-lo neste número que fecha o período do ano 1990.

Já sabemos que o povo nom amostra muito interesse por conservar o seu passado, agás o que vai ligado à sua tradiçom musical, como a gaita, as ferrenhas e o pandeiro. Mas que os poetas que diziam *pra*, digam agora *para* e os que escreviam *frente* escrevam agora *fronte*, pouco importa à gente comum, que nom se fixa em medidas nem rimas pois para versos avondam-lhes os das pancartas das manifestaçons, que costumam ser ceives e toantes, como corresponde à espontânea musa popular. Assim nom podemos temer que o país faga muito pola defesa de um património literário que já pouco lhe rende. Esta é a época da administraçom tecnocrática. Umha burocracia disciplinada à qual transmita o seu zelo regulamentar um Directório inspirado polo Logos, pode fazer maravilhas na estruturaçom do idioma ritual, ainda que a voz do povo arrefeza e a dos devanceiros se refaga. A língua pode ser unificada, nom só polo anátema de toda dissidência ou resistência ao poder legalmente constituído, mas mesmo pola reconversom dos textos antigos à nova ordem. Os nossos netos crerám que Castelao escreveu *Sempre en Galícia*, e Pondal *nación de Breogán*, porque nas ediçons oficiais, que acabarám talvez por ser as únicas existentes, acharám essas leituras. Toda a nossa literatura estará recopilada, e só se poderá conhecer através da *Biblioteca do Burocrata*, onde teremos a ocasiom de ler os nossos clásicos, mas convenientemente corrigidos e expurgados segundo a lei vigente, para que se veja a perfeita unidade dos homes de Galiza através do espaço e do tempo.

Mas, ¿que estranha ideia da nossa dolorosa, gozosa, mísera e esplêndida luita histórica pola língua se formarám os nossos descendentes lendo as versons normativizadas e congeladas de Castelao e Pondal?



O Professor Carvalho Calero, pronunciando umhas palavras na Homenagem a Castelao, organizada pola AGAL e celebrada em Rianjo em Janeiro de 1986.